

O ébrio compor: o estreito laço entre o bar e o processo criativo de Zininho

Guilherme Mondardo Júnior

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

dudie1981@hotmail.com

Resumo: Ao analisar o processo criativo do poeta e compositor Zininho, vinculado à boemia de Florianópolis nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, percebem-se muitas semelhanças com o início da boemia literária presente no Antigo Regime francês, quando subliteratos discutiam temas políticos filosóficos nos *cafés*. Este artigo procura mostrar como o mundo boêmio, a partir de então, tornou-se um celeiro de artistas.

Palavras-chave: Poesia, bar, boemia.

Title: The drunk composes: The close link between the bar and the creative process of Zininho

Abstract: This article shows bohemian world of Florianópolis, in the decades of 1960, 1970 and 1980 as a granary of artists, analyzing the case of poet and musical composer Zininho, Cláudio Alvim Barbosa. The text compares this case with the beginning of the bohemian literary present in the Old French Regimen when art, philosophy and politics were discussed in *cafés*.

Key words: Poetry, bar, bohemian world.

*Eu já não posso sair na rua,
Sou conhecido de qualquer jeitinho,
E as meninas quando me avistam,
Vão logo dizendo: Aí vem o Zininho!*

*Cantor de sambas e outras coisas mais
Quando ele canta é mesmo infernal,
E o culpado disso tudo é o Dib,
Por dizer ao microfone que sou o tal.*

Neste artigo, pretendo pensar a vida boêmia vinculada ao processo criativo de artistas, principalmente poetas e compositores, cujas obras remetem ao amor e à alegria como temas centrais. Minha referência é a vida e a obra do poeta e compositor Cláudio Alvim Barbosa, o



popular Zininho¹, figura “folclórica” da cidade de Florianópolis, que normalmente tem sua biografia vinculada à boemia florianopolitana das décadas de 60, 70 e 80 do século XX. Entre outras músicas e poesias, Zininho foi o compositor do hino oficial da capital do estado de Santa Catarina, *Rancho de amor à Ilha*², escolhido numa promoção chamada “Uma canção para Florianópolis”, realizada pelo prefeito General Vieira da Rosa, em 1965, como marca de sua gestão.³ A convite de Jorge Pinheiro, secretário de Administração da época, Zininho decidiu participar do concurso. Nas palavras do poeta:

Fui para casa, morava no Balneário, Estreito, e já no segundo dia comecei a trabalhar, procurei ler alguns livros sobre a cidade, busquei inspiração e como se eu fosse um instrumento de mediunidade e de um certo astral, me vieram as palavras e eu pude escrever e compor o *Rancho de amor à Ilha*. É o meu legado à posteridade. Pensei na infância, rebusquei o passado para inspirar-me, cheguei na lembrança dos pontos de geografia que se aprendia na escola: ilha é um pedaço de terra cercado de água por todos os lados. Veio a primeira frase, é engraçado, a primeira frase da segunda parte: “Ilha da moça faceira”, e na seqüência todas as letras e frases. Acho que não foi inspiração, acho que eu fui escolhido pra este fim, porque foi tudo muito rápido. Foi como uma luz...⁴

A música de Zininho venceu o concurso dentre as mais de 200 inscritas.⁵

O termo boemia ganhou vida na passagem do Antigo Regime francês para a nova ordem após a Revolução Francesa⁶, associado aos *cafés*, onde os subliteratos da época se encontravam para conversar e debater questões político-filosóficas pertinentes ao contexto daqueles dias. O ambiente se contrapunha aos *salons*, que Darnton, comparando com uma pirâmide, chamou de vértice e eram freqüentados pelo *le monde*⁷, termo usado na época que definia a elite cultural francesa, enquanto os *undergrounds* da boemia literária se encontravam na base, com pouquíssimas possibilidades de alcançarem o topo.

¹ Zininho nasceu no dia 08/05/1929, na cidade de Biguaçu, mas com apenas 2 anos de idade se mudou para Florianópolis e foi morar com sua avó no Largo 13 de Maio (que seria, anos mais tarde, imortalizado num samba composto pelo poeta). Trabalhou grande parte de sua vida na Câmara Municipal de Florianópolis. Faleceu na madrugada do dia 05/09/1998, em Florianópolis, vitimado por enfisema pulmonar, câncer de próstata e complicações renais. Dados extraídos de MEDEIROS, Ricardo; OEHME, Dieve; BARBOSA, Cláudia. **Zininho: Uma canção para Florianópolis**. Florianópolis: Insular, 2000.

² Ver Anexo I.

³ MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 40.

⁴ Entrevista de Zininho ao jornal *A Folha da Cidade, de Florianópolis* (s/d/p. 6). *Apud*: MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 40.

⁵ MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 39.

⁶ DARTON, Robert. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras no Antigo Regime. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 33.

⁷ *Ibidem*, p. 26.



A partir dessas constatações da gênese da vida boêmia tal qual conhecemos hoje, e o bar sendo um ambiente de produção cultural e artística, é possível perceber que seu significado não tenha se alterado muito até os dias de hoje, principalmente no que diz respeito à produção cultural. Hoje, não mais vemos o bar como um ambiente onde se encontra apenas uma pequena parte da sociedade. Pessoas indistintas se encontram para se divertir, esquecer eventuais problemas da realidade, de maneira que há, no bar, amostras de diversos segmentos sociais e, por esse motivo, pode-se chamá-lo de ambiente democrático, por abraçar diversas idéias, pessoas com problemas distintos, classes sociais diferentes e até ideologias diferentes.⁸

[...] no bar noturno, as correntes são afrouxadas, os muros são arrebatados e até derrubados, embora as cercas permaneçam, e o destruidor do muro volte de novo a reconstruí-lo. O fundamental não é abolir radicalmente o muro, mas que muro reconstruir, com que quantidade e largueza de passagens, e se a reconstrução é tão coagida, ou mais espontânea.⁹

Segundo Fídias Teles, apesar de o igualitarismo não prevalecer no interior do bar, a tolerância é maior¹⁰, as relações são favorecidas no ambiente amistoso que o lugar oferece. Porém, esse espaço nem sempre foi visto com bons olhos por parte de fatias mais conservadoras da sociedade, como, por exemplo, no Brasil durante a ditadura militar, principalmente no início da década de 1970,¹¹ quando qualquer ambiente em que se aglomerassem muitas pessoas poderia ser confundido com atos subversivos.

Hoje em dia, há uma configuração diferente no bar: observamos, por exemplo, o encontro de diversas pessoas que se reúnem após um dia de trabalho para fazerem o *happy hour*. O indivíduo que hoje enquadramos nesse conceito foi pensado por Zininho no seu programa de rádio “Bar da noite”, escrito pelo poeta e transmitido pela Rádio da Manhã, de 1958 até 1966, como mostra o trecho a seguir:

Alô, amigos, companheiros, boa noite. Aliás, para nós, só não é boa noite quando não tem Bar da Noite. Sabe lá o que é a gente olhar de longe, procurar encontrar um sentido. A gente passa o dia inteiro criando caso, aturando o fígado. Do patrão, arranjando o assunto para o Bar da Noite e, depois, não tem o Bar da Noite. Hum! Sabe lá o que é a gente passar o dia inteiro misturando obrigações com as lembranças do Bar da Noite. Passar o dia inteiro sentindo falta do

⁸ TELES, Fídias. **Os malabaristas da vida**: um estudo antropológico da boemia. Passo Fundo: Editora Berthier, 1989. p. 184.

⁹ *Ibidem*, p. 220.

¹⁰ *Ibidem*, p. 187.

¹¹ *Ibidem*, p. 184.



zum-zum, do cheiro do álcool, de ver o Juca [garçon] e seu vai e vem cheio de tristezas e alegrias. Da música gostosa... E a hora chega e a gente corre para o Bar da Noite e não tem Bar da Noite... Pois, felizmente, hoje tem Bar da Noite, lá está o luminoso, lá está a fumaça, lá está o cheiro do álcool, lá está o Juca. Entremos, amigos! Lá está a voz gostosa e macia da nossa Neide Maria Rosa, do nosso Totonho. Hoje tem Bar da Noite¹².

Os programas do “Bar da Noite” narravam “crônicas semanais do cotidiano urbano e moderno da cidade e apresentavam conversas recorrentes em bares como amor, futebol, trabalho e família, que eram teatralizados”¹³ e sugeriam um tipo de cliente que se caracterizava por ser “um homem trabalhador em sintonia com os problemas de sua época”¹⁴. Esse homem deixa de se tornar um “malabarista” que precisa equilibrar a vida no bar e a vida no lar, como sugere o título do livro de Fídias Teles, que remete ao antigo boêmio, para se tornar o homem moderno que tem o “direito” de tomar alguns drinques num *happy hour* com amigos após um longo e duro dia de trabalho.¹⁵ A “má” reputação do antigo boêmio se converteu agora na “virtude” de um indivíduo moderno que tem o direito de passar algumas horas bebericando com amigos no bar. Zininho conseguia visualizar esse tipo boêmio talvez por estar alinhado com seus pensamentos em relação à “noite”, pois era conhecido como o “*gentleman* do samba” – título do qual, aparentemente, se orgulhava muito. Pensava a noite boêmia com romantismo e tratou de compor esse tipo “charmoso”, que passou a ser o “boêmio moderno”.

Zininho, por ter uma vida reconhecidamente boêmia, fez muitos amigos numa mesa de bar, amigos que influenciaram suas letras e suas poesias. Segundo seu amigo e apresentador de programas de televisão Aldírio Simões, Zininho produziu grande parte de seu repertório ao lado de amigos de bar.

A boemia sempre fez parte da vida de Zininho, e a maioria de suas mais conhecidas obras nasceu em mesas de bar, sempre rodeado de amigos. A antológica marcha-rancho *A Rosa e o Jasmim* [ver Anexo 2] foi produzida no Poema Bar e o *Rancho de Amor à Ilha* no Bar

¹² “Bar da Noite”. Fonte sonora extraída do Arquivo Zininho, da Fundação Franklin Cascaes [FC-13, s/d]. *Apud*: COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura em Florianópolis** (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). Florianópolis: UFSC, 2004. (Dissertação de mestrado em História). p. 93.

¹³ COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura em Florianópolis** – (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. p. 93.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ *Idem*.



Príncipe, com o título sugerido por Adolfo Zigelli, inseparável amigo do poeta.¹⁶

Grande parte da obra de Zininho teve a boemia como inspiração e como ambiente de produção, não fugindo daquilo que Darnton descreveu no Antigo Regime francês e, tampouco, destoando da afirmação de Fídias Teles, de que “em nossa civilização o bar tem sido um foco de estímulos culturais, tendo dele, reconhecidamente, brotado as primeiras sementes de um grande livro, de uma bela música e a sua concretização”¹⁷ – considerando-o, assim, um imenso celeiro de artistas, famosos ou não.

Zininho viu a transformação da cidade de Florianópolis, de uma pacata cidade a uma cidade cosmopolita, já abraçando diversas culturas e inflando seus bairros. Conta Norberto Depizzolatti que “circular pelo centro da Capital se tornava cada vez mais difícil para o compositor, que reclamava de não conhecer mais as pessoas, como era antigamente quando andava pelas ruas da cidade”¹⁸. Por isso, valorizava muito as amizades que tinha e procurava conservar os estreitos laços afetivos com os amigos no ambiente em que costumavam se encontrar: o bar.

Fazendo referência aos amigos de bar, Zininho os cita em um de seus sambas, que clama pela recuperação e a reforma do restaurante e bar Miramar, local muito freqüentado pelo poeta e seus amigos, sinalizando que, nesse bar, “samba e serenatas” haviam sido criados.

Miramar

Digníssimo senhor prefeito
Mui respeitosamente
Estamos diante de Vossa Excelência
Para pedir humildemente

Senhor prefeito
Por favor, mande recuperar
O nosso velho e querido Miramar

Pergunte ao Waldir Brazil
Daniel, Narciso e Dião
E a outros boêmios
E eles também dirão

¹⁶ SIMÕES, Aldório. **Retratos à luz da pomboca**. Florianópolis, 1997. p. 283.

¹⁷ TELES, *op. cit.*, p. 247.

¹⁸ MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 126.



Que era ali
 Que nasciam as serenatas
 Era ali que os sambas nasciam
 Ao som do violão

Senhor prefeito
 Por favor, mande recuperar
 O nosso velho e querido Miramar.¹⁹

Talvez não pudesse ser diferente: também como tema das letras de Zininho, estão “a mulher” e o amor romântico, assuntos bastante recorrentes em poesias de artistas boêmios. O amor romântico e a mulher aparecem como temática desde as cantigas de trova na Idade Média²⁰ e foram muito valorizados a partir do século XIX nas poesias e romances, mas na música é possível perceber que, nos anos dourados do rádio, ficaram bem evidenciados. Seguindo essa linha, Zininho compôs algumas canções, entre elas a marcha-rancho *Princesinha da Ilha*, enaltecendo a mulher florianopolitana, e *Deixe a porta aberta*, um samba que fala sobre o desentendimento de um casal.

Princesinha da Ilha

Princesinha da Ilha
 Tu és uma maravilha
 Nem mesmo a espanhola
 Natural lá de Sevilha
 Possui tua beleza
 Teu olhar tão feiticeiro
 Porque corre em tuas veias
 O nobre sangue brasileiro

Desta ilha esmeralda
 Coberta de encantos
 Tu és a princesinha
 Mas serás no carnaval
 Ao invés de princesa
 Rainha²¹

Deixe a porta aberta

Deixe a porta aberta
 Qualquer dia eu vou voltar

¹⁹ BARBOSA, Cláudio Alvim. Miramar. In: MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 150.

²⁰ TELES, *op. cit.*, p. 205.

²¹ BARBOSA, Cláudio Alvim. Princesinha da Ilha. In: MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*



Tenho andado tão distante de ti
 Mas nunca deixei de te amar
 Podes crer

Faz tempo
 Que eu sinto vontade de voltar
 Não penses
 Que eu não senti saudades
 É que eu me perdi
 Ando andado pela aí
 Só falta
 Um pouco de vontade²²

O bar, mais do que um ambiente onde se encontrava com amigos, era o lugar em que, entre uma cerveja e outra, Zininho produzia suas mais suntuosas obras. As noites de conversas e bebedeiras foram bastante inspiradoras para o poeta, foi lá que escreveu os sambas, as marchas-ranchos, os ranchos, os sambas-enredos da Escola de Samba Protegidos da Princesa, que mais tarde o homenagearia com um enredo.²³ A escola ficou em segundo lugar no carnaval de 1999, perdendo o título para a Escola de Samba Embaixada Copa Lord, sua rival, que levou à avenida um enredo que homenageava o poeta Cruz e Sousa. O carnaval daquele ano ficou conhecido como “o duelo de poetas”²⁴.

Se a metáfora de Fídias Teles no título de seu livro trata dos malabaristas da vida, sendo o boêmio um indivíduo que equilibra a vida doméstica com a vida social boêmia, Zininho conseguiu esse equilíbrio com sucesso, pois, segundo seus familiares, “a família representava tanto para ele que, ao receber uma proposta para trabalhar e morar em Curitiba, levou todos consigo, sem pensar duas vezes. Afinal, não conseguia ficar longe dela por muito tempo”²⁵ e continuou adorado por todos.

²² BARBOSA, Cláudio Alvim. Deixe a porta aberta. In: MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*

²³ Ver Anexo 3.

²⁴ MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 138.

²⁵ *Ibidem*, p. 69.



Anexo 1

Rancho de amor à Ilha

Um pedacinho de terra
Perdido no mar
Num pedacinho de terra
Belezas sem par

Jamais a natureza
Reuniu tanta beleza
Jamais algum poeta
Teve tanto pra cantar
Num pedacinho de terra
Belezas sem par

Ilha da moça faceira
Da velha rendeira
Tradicional
Ilha da velha figueira
Onde em tarde fagueira
Vou ler meu jornal
Tua lagoa formosa
Ternura de rosa
Poema ao luar
Cristal onde a lua vaidosa
Sestrosa, dengosa,
Vem se espelhar²⁶

²⁶ BARBOSA, Cláudio Alvim. Rancho de amor à Ilha. In: MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 145.



Anexo 2

A rosa e o jasmim

A rosa brigou com o jasmim
Ficou tão triste, sentida
Quando vieram lhe contar
Que ele namorou a margarida

Não fiques triste rosa
Que o jasmim
É todo teu
Um dia ele gostou de outra
Mas foi da camélia
E ela já morreu²⁷

²⁷ BARBOSA, Cláudio Alvim. Deixe a porta aberta. In: MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 148.



Anexo 3

Jamais algum poeta teve tanto pra cantar

(Paulinho Carioca, Vicente Marinheiro, Jadson Fraga, Mato Grosso)

Navegando nesse mar de poesia

Protegidos vai passar

Exaltando o poeta

Cantando sua vida

Vamos recordar

A arte sua estrela iluminou

A música seu nome consagrou

Nas ondas do rádio viajou

Seresteiro, artista

Boêmio, sonhador, sonhador

Amante da natureza

Que por esta Ilha se encantou

Vem amor

Mergulhar nessa magia

A estrela do poeta

A princesa iluminou

Reduzindo a alegria

Até a lua

Vai brilhar na avenida

Entre astros e estrelas

Imortalizando sua vida

Vem a musa lhe inspirar



Amigos pra lhe acompanhar
Batuqueiros, compositores
Artistas do nosso cançãoeiro

Jamais a natureza reuniu tanta beleza
Jamais algum poeta teve tanto pra cantar
Num pedacinho de terra perdido no mar
Zininho a Protegidos hoje vem lhe exaltar²⁸

²⁸ *In*: MEDEIROS; OEHME; BARBOSA, *op. cit.*, p. 159.

